



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas
sobre Mulher e Relações de Gênero

MULHER-HULK - DE SELVAGEM À SENSACIONAL: AS TRANSFORMAÇÕES DO FEMINISMO NOS ANOS DE 1980 E A REPRESENTAÇÃO DE UMA NOVA MULHER NOS QUADRINHOS

Savio Queiroz Lima

Universidade Salgado de Oliveira (Universo). savio_roz@yahoo.com.br.

Resumo: O trabalho pretende analisar os traços, representações e discursos presentes nos quadrinhos da Mulher-Hulk e as influências políticas do Feminismo dos anos de 1980. Criada no selo mensal *The Savage She-Hulk*, de 1980, sofreu radical transformação representativa na série mensal atualizada *Sensational She-Hulk* em 1989. De mera réplica feminina do personagem Hulk à singular super-heroína de personalidade ativa e cativante, as mudanças ocorreram muito além da transição entre os epítetos de *Savage* (Selvagem) e *Sensational* (Sensacional) no seu título mensal. Com as fragilizações ocorridas nos movimentos de mulheres no final da década de 1970 e um renovado levante conservador fizeram com que novas questões e representações que culminaram no que Susan Bolotin alcunhou de pós-feminismo. Sem a visibilidade midiática e o desgaste dos conflitos internos, os movimentos feministas tenderam, ao findar da década de 1980 para uma postura filosófica mais liberal e individualista, construindo uma representação feminina otimista e autônoma que serviu de molde para a construção da nova Mulher-Hulk. Este trabalho sintoniza o movimento político e a fonte-objeto histórias em quadrinhos na ampliação dos saberes históricos.

Palavras-Chave: Representação, Pós-Feminismo, Histórias em Quadrinhos.

Introdução

As histórias em quadrinhos, assim como todo produto narrativo de entretenimento e seus diversos suportes, são sintomas históricos. Os imaginários e discursos neles presentes refletem os traços existentes nas relações sociais entre seus produtores e leitores. Inclusive que não sejam traços fidedignos, as narrativas de ficção são fontes por si mesmas, carregadas de vestígios e sinais do passado, com seu “horizonte de expectativas” (PESAVENTO, 2004, p.8).

Deste modo, as histórias em quadrinhos surgem como fontes privilegiadas.

São semelhantes aos jornais por sua periodicidade e comungam com a Literatura a sua relação de aproximação com a realidade através da verossimilhança aproximando-se do real pelos seus sintomas, seus traços, mesmo que a narrativa histórica e a narrativa ficcional (quer histórica ou não) tenham maneiras diferentes de aproximações (*Ibidem*, p.80).

O trabalho investigativo sobre história, gênero e política de sexualidade já se justifica através da abordagem crítica de novas fontes. Mas não limita-se a isso, pois o trato ficcional além de sintomático pode ser um excelente



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas de Gênero

exercício pedagógico sobre gênero e sexualidade. Tal proposta fora debatida e trabalhada no minicurso *Identidades Secretas e Sexualidades Ocultas: Propostas Educativas aos Estudos de Gênero e Sexualidades com a Ficção*, ministrado no IX Encontro Estadual de História da Anpuh-BA, realizado na cidade de Santo Antônio de Jesus, Bahia, entre os dias 4 e 7 de setembro de 2018.

O feminismo já é uma proposta presente, ou pelo menos representação existente, nas histórias em quadrinhos. A personagem produto que centraliza boa parte da atenção que depositei ao tema durante a construção da dissertação de mestrado, Mulher Maravilha, aproximou-se e afastou-se da luta das mulheres em seus mais de 70 anos de existência (LIMA, 2015; LIMA, 2016; LIMA, 2018). Discursos e imaginários feministas ou sobre o feminismo aparecem nas narrativas da super-heroína marcando sua história como entrelaçada à história dos movimentos de liberação feminina.

Mas a representatividade escapa ao pontual, não está apenas orbitando a presença da Mulher Maravilha nos quadrinhos. Quanto mais seguro se mostra a presença de minorias nas esteiras da Indústria Cultural de entretenimento, mais forte apresentam-se as posturas sociais sobre as mesmas. Desde a estreia da Mulher Maravilha em 1941, o jogo

de avanços e retrocessos se deu em sintonia com o Imaginário Social sobre as mulheres. Se o retorno dos homens da guerra exigiu uma readequação imposta das mulheres no ambiente doméstico na década de 1950, já não se deu confortavelmente com as movimentações feministas dos anos de 1960.

As narrativas ficcionais conseguem fornecer sensíveis dados sobre a realidade social. O simples apanhado das transformações estéticas, por exemplo, já nos fornece inúmeros dados sobre as construções de lugares femininos em uma sociedade claramente sexista, numa batalha entre o “bom feminino” e o “feminino indigesto” (LIMA, 2018). As diferenças estéticas são reflexos diretos das diferenças jurídicas, são “um conjunto de relações hierárquicas entre homens e homens, mulheres e mulheres, homens e mulheres, que se caracterizam pela opressão das mulheres (AUAD, 2003, p.53).

Neste ponto, as representações femininas nos são caros sintomas. Sintomas, entretanto, dúbios, já que podem apresentar avanços e retrocessos através de sinais muitas vezes pouco óbvios. E o nascedouro da História das Mulheres enquanto espaço político e interpretativo da história, sua visível ruptura com as antigas estruturas anteriores permitiu uma feminização das universidades (PERROT, 2005, p. 17).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

Entre o final da década de 1960 e praticamente toda a década de 1970, o movimento feminista ganhava novo fôlego. Tal novo fôlego do feminismo logo foi interpretado como uma nova onda, mais aproximada de movimentos de esquerda, movimento operário e movimento estudantil (AUAD, 2003, p. 56). O movimento ganhou enorme força, fazendo a sociedade estadunidense ter “conscientização de um movimento feminista nascente” (FARRELL, 2004, p. 39), ainda que a luta de mulheres não tenha, jamais cessado desde as sufragistas, quiçá antes das mesmas.

O movimento das mulheres mudou a abordagem da história e o modo de se fazer entretenimento. Com o destaque político das mulheres muito além do sufrágio, o mercado de periódico sofreu transformações significativas, muito além das revistas feitas para mulheres além dos padrões de filha, esposa e mãe (PERROT, 2005, p.79). Ofertando, desta maneira, um “vislumbre das interferências feministas nos modos de se produzir bens de consumo” (LIMA, 2016, p. 9). Neste contexto social é que surge a Mulher-Hulk.

A Mulher-Hulk é parte da franquia do super-herói monstruoso Hulk. Um olhar superficial, carregado de obviedade pelos signos apresentados, veria uma versão

feminina do monstro radioativo simplesmente. Na narrativa ficcional, Jennifer Walter transforma-se na selvagem Mulher-Hulk depois de receber uma transfusão de sangue emergencial de seu primo Bruce Banner, o Hulk. O procedimento fez com que a pacata advogada, em situação de estresse, transformasse-se numa figura maior e corpulenta em trajes sumários.

Como o ocorrido com seu primo, Mulher-Hulk é uma criatura furiosa e poderosa que enfrenta criminosos, a força de policiamento do Estado, monstros enormes e o pavor da sociedade. Com um pouco mais de racionalidade que o seu primo Hulk, as narrativas guiaram a super-heroína, agora sem sua revista própria com o cancelamento de sua publicação original, a ocupar espaço na revista dos Vingadores durante muitos anos até que voltasse a estreitar em revista própria.

A criação da Mulher-Hulk serviu como uma medida de segurança para a editora Marvel. A editora havia cedido os direitos de uso do Hulk para que a Universal Studios produzisse uma série televisiva, que saiu pela rede televisiva CBS entre março de 1978 e maio de 1982. Tal série, *O incrível Hulk*, fez enorme sucesso, como a série *A Mulher Biônica*, exibida entre 1976 e 1978, também da Universal. O editor da Marvel, Stan Lee, elaborou uma campanha preventiva e criou a Mulher-Hulk para assegurar os direitos sobre



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas da Gênero

o produto e sua franquia (HOWE, 2013, p. 235).

Tão forçoso nascedouro, entretanto, não garantiu demasiada originalidade. Como aparece na sua edição de nascimento, “uma fúria tremenda corre por suas veias” (página 14 da edição *Almanaque Premiere Marvel* número 1) transformando-a numa releitura versão fêmea do monstro Hulk. Em tais narrativas inaugurais, a personagem-produto carrega sua monstruosa dupla identidade como um fardo, igualmente como o estilo eleito de narrar as histórias do monstro radioativo, o Hulk.

Somente quase dez anos depois de sua estreia, é que a Mulher-Hulk ganhou traços mais enriquecidos de originalidade. Nos enredos novos, Jennifer Walters, a Mulher-Hulk, tornou-se mais ambiciosa, bem-humorada e capaz de quebrar a quarta parede, ponto marcante e inovador. Ou seja, a personagem sabe conscientemente que é uma super-heroína de quadrinhos e que existe um público leitor com quem pode interagir. Prática já existente no teatro e no cinema, tornou-se marca reconhecível da super-heroína.

A Mulher-Hulk desta segunda fase, chamada “Sensacional” e não mais “Selvagem”, parece alegorizar o imaginário sobre a mulher na década de 1980. Longe das questões intensas e agressivas de um

feminismo, então, indesejado, o conservadorismo neoliberal enaltecia uma mulher de postura mais afastada de um feminismo temporalmente localizado nas décadas anteriores, “menos raivosa, menos militante” (FARRELL, 2004, p. 250).

Após as crises sofridas pelo Movimento Feminista durante o final da década de 1970 e início da de 1980, o clima político e as liberdades modificaram-se. Após o *Backlash* (FALUDI, 2001), recuo da militância e da representatividade, “militantes feministas tiveram de despende esforços muito maiores simplesmente para manter o que já tinham conquistado” (FARRELL, 2004, p. 147). Esse cenário de instabilidade possibilitou a ascensão de um conservadorismo dentro e fora do campo político em relação às mulheres.

Mas a estratégia de controle e silenciamento foi outra, que não a repressão. Fez-se uma propagação amansada da imagem da mulher bem-sucedida, que havia conquistado positivamente os espaços e superado o feminismo. Essa superação, essa nova mulher, ambiciosa, talentosa e divertida, que Susan Bolotin, no artigo *Voice From the Post-Feminist Generation*, na revista *New York Times* de 1982, chamou de pós-feminista, marcou o imaginário da década de 1980. Esse “otimismo prematuro” serviu como instrumento apaziguador dos conflitos



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Políticas de Gênero

que persistem nas redes das desigualdades de gênero.

A leitura crítica de uma narrativa ficcional como a história em quadrinhos da Mulher-Hulk é um eficiente exercício historiográfico. São fragmentos sensíveis que não estarão existentes em outro recipiente, sendo oportuna a sua extração, sem abrir mão de interdisciplinaridades e manuseios com outras narrativas, históricas ou ficcionais, para compreender as mudanças discursivas e de imaginários que atuam nas dinâmicas sociais, principalmente no que dizem respeito aos estudos de gênero e sexualidade, com pontual atenção nas representatividades femininas e nas movimentações do feminismo.

Metodologia

A análise crítica das fontes é fundamental para a feitura desta investigação. Primeiro por conta da experimentação possível sobre fonte primária tão pouco usada, quando muito através da obviedade de suas representações mais superficiais. Para isso foram necessários procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos, ainda que estes não precisem serem densamente apresentados. Contextualizar as histórias em quadrinhos da Mulher-Hulk é a prática mais eficiente de ser abordar o tema.

A abordagem quantitativa das fontes é importante para entender sua produção e distribuição. Distante de um acervo bibliográfico de livrarias, bibliotecas ou arquivos públicos, as histórias em quadrinhos apresentam-se muito mais pertinentes às coleções privadas. O colecionismo, tão importante para a cultura de museus no século XIX, nos servem como espaços de guarda de publicações em quadrinhos. Com a pouca presença de gibitecas e suas incompletudes, o acervo pessoal fornece as edições, devidamente catalogadas e minuciosa análise documental.

Seguir as presenças da Mulher-Hulk no mercado de quadrinhos nacional é investigar as decisões editoriais. A personagem, originalmente publicada nos Estados Unidos em 1980, na revista *The Savage She-Hulk* de número 1, não teve o destaque de mercado atribuído ao seu primo, o Hulk. A revista *The Savage She-Hulk* foi publicada entre fevereiro de 1980 e fevereiro de 1982. As edições foram publicadas com interrupções pelas editoras brasileiras licenciadas pela publicação. A editora RGE lançou as duas primeiras edições na revista *Almanaque Premiere Marvel*, em fevereiro de 1982, e seguiu com a personagem na revista *O Incrível Hulk* de número 40 em abril de 1982.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

No apanhado documental, a personagem aparece em inúmeras edições avulsas. São participações em histórias de outros personagens, em geral, e que as editoras RGE, Abril e Panini publicaram durante os anos seguintes. Sem fazer uso de cansativa descrição de edições e enredos, algumas escolhidas fontes são úteis para a compreensão da transformação reveladora sobre o imaginário feminino da personagem.

Seu momento de ruptura, de mudança mais significativa se deu em 1989. Com o lançamento da revista *The Sensation She-Hulk*, que durou por 60 edições até fevereiro de 1994. A mudança entre os adjetivos, da Selvagem à Sensacional não é uma mera formalidade textual-editorial. A pretensão narrativa sobre a personagem mudou e ela ganhou mais traços de autonomia e personalidade nos roteiros do escrito e desenhista naturalizado canadense, Jhon Byrne.

A biografia e carreira do autor é de suma importância na compreensão dos discursos presentes nesta nova fase. A publicação inaugurou transformações muito mais significativas para a super-heroína, sobresscrevendo a sua outrora vivência selvagem nas publicações de seu nascedouro.

Atuante desde os anos de 1970, Jhon Byrne enriqueceu os quadrinhos do

mainstream nos anos de 1980 e 1990. Suas criativas modificações na personagem Mulher-Hulk já vinham acontecendo na sua colaboração com a revista *The Fantastic Four* durante a primeira metade da década de 1980, mas ficaram pontualmente marcadas na edição de número 18 da *Marvel Graphic Novels*, em novembro de 1985. Com o bom rendimento das narrativas e das modificações de Byrne, em 1989 o editor Mark Gurenwald lhe permitiu assumir a série mensal *The Sensational She-Hulk*.

Essas fases e publicações, em quase sua totalidade, foram traduzidas e publicadas no Brasil. Desta maneira, simplifica-se, por método, a seleção de materiais mais acessíveis aos tratos locais, mas sem abrir mão de informações que estejam mais precisas no material de língua original ou nos inéditos, garantindo uma melhor disposição da análise quantitativa das fontes, sem prejudicar a narrativa científica histórica.

Os lugares comuns dos discursos e dos imaginários sobre as performances femininas das duas fases estão na história estadunidense dos movimentos de mulheres. Por conta disso, toda a análise temporal se fará através de costura comparativa e analítica dos sinais presentes na ficção e das influências e sinais dos fenômenos históricos do feminismo e do pós-feminismo para entender o lugar representativo da Mulher-Hulk no cenário do



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres, Dilemas da Gênero

entretenimento. Tal leitura entrelaçada visa contextualizar as mudanças ocorridas na narrativa de fantasia e onde o universo imaginativo sintonizou com a realidade histórica das mulheres no mundo social.

A contextualização da leitura crítica da personagem-produto se fundamenta nos imaginários sobre mulheres e nos Movimentos de Mulheres. Depois da heurística, bastante necessária principalmente diante de fonte tão pouco usual, a hermenêutica constrói-se através da abordagem crítica dos dados das contextualizações e interpretações das questões pertinentes.

Resultados e Discussão

Estudos de gênero nos são indispensáveis para as emergentes questões que envolvem nossas relações sociais. Com as perceptíveis discrepâncias entre as histórias dos homens e das mulheres, entendendo a história formal e oficial como “masculino”, buscar a representação feminina e dela poder promover criticidade é o ganho primordial da investigação.

O universo do entretenimento, através das narrativas de ficção, sintomatiza as subjetividades dos gêneros. Por conta disso, a relação entre História e Ficção é de grande

importância para a produção intelectual na área dos estudos de gêneros e sexualidades, e tudo debate orbita esse campo de conhecimento. A Mulher-Hulk, muito além da ludicidade, centraliza, neste trabalho, os questionamentos e os saberes possíveis através das interpretações dos dados possíveis.

As representações de duas personas femininas, a “Selvagem” e a “Sensacional”, falam de dois prismas interpretativos do uso da ficção. Jennifer tornou-se a Mulher-Hulk, mas, com o tempo, transformou-se em arquétipo feminino em sintonia com seu contexto histórico. Nos alerta que produtos da Indústria de Entretenimento, fluidos por necessidade, modificam-se em prol dos climas históricos e das estruturas imaginárias e discursivas de seus públicos consumidores-apreciadores nas diversas gerações ou mesmo em situações limítrofes de transformações socio-culturais.

O estágio atual do trabalho, ainda em sua primeira fase de análise das fontes, não oferece um retorno dos pares. Seu teor de continuidade dos trabalhos que envolvem representações femininas nas histórias em quadrinhos e transformações no imaginário social e político sobre as mulheres é o seu campo mais eficaz de debate e discussão. As mulheres nas histórias em quadrinhos são representações idealizadas, principalmente



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas da Ciência

por homens, pois foram (e em alguns momentos ainda são) os seus roteiristas majoritariamente.

Muitos destes trabalhos estão publicados em modalidades narrativas diferentes. Os trabalhos foram publicados em anais e outros formatos acadêmicos e formais para a produção científica em áreas como História, Sociologia, Educação, etc; e, também, em versões mais acessíveis e palatáveis para um público mais amplo e menos especializado. O trato proposto sobre a Mulher-Hulk dá seguimento a essa proposta e logo após seu registro e debate no meio erudito ganhará uma versão leiga e com pretensões de acessibilidade social para acervo digital.

Conclusões

Sintomaticamente, as histórias em quadrinhos ainda carregam muitas informações para a historiografia. Ainda estamos num momento de experimentações, cabendo ao pesquisador fazer uso de inúmeros instrumentos disponíveis e tirar todo proveito das interdisciplinaridades disponíveis no ambiente acadêmico. Nos estudos sobre feminismos e nas abordagens sobre os silêncios históricos impostos às mulheres, as subjetividades são os atalhos, que, por sua vez, exigem sensibilidades e inventividades.

A Mulher-Hulk, em sua transição de “Selvagem” para “Sensacional”, fala dessas subjetividades. Enquanto produto, dialoga com o universo externo à ficção, fazendo uso da realidade social como cenário e substrato para a sua feitura dentro de uma expectativa de reconhecimento e verossimilhança. Temos, no período de 1980, uma representatividade feminina libertária e autônoma que sustenta a nova personalidade de Jennifer Walters, a Mulher-Hulk.

O uso de histórias em quadrinhos para a análise desses espaços surge oportuno. Primeiro pela sua configuração de cruzamento consciente de fontes, pois não podem ser lidas e abordadas sem essa sensibilidade investigativa, e por seguinte pelas possibilidades de abordagens oferecidas. A contextualização histórica das fontes, então, nutre os saberes sobre tais lugares de falas dos objetos-fontes e as redes discursivas das quais fazem parte.

São práticas metodológicas em sintonia com as transformações das próprias teorias feministas. Beirando uma metanarrativa teórico-metodológica bastante heterogênea (MENDES, 2002, p. 228), as abordagens sobre o pós-feminismo compreendido por Susan BOLOTIN (1982), de reconhecimento e pertencimento de uma geração de mulheres amadurecidas nos anos de 1980 e as estruturas das vertentes pós-



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Dilemas de Gênero

modernas do feminismo, como os estudos relacionais de gênero (*Ibidem*, p. 224).

Os perigos da confusão com o termo “pós-feminismo” ou a compreensão essencialista da hermenêutica feminista são grandes. Primeiro na desastrosa definição de superação das mulheres do feminismo enquanto proposta política localizada no tempo e no espaço, no caso, na contracultura estadunidense dos anos de 1970. Cuidadosamente esta pesquisa pontua e alerta sobre os equívocos possíveis, sem perder de vista

São os estudos de mulheres compreendidos em suas dinâmicas relacionais. Vislumbrando uma série de imaginários construídos e que são frutos ou respondem às expectativas sociais sobre os papéis de gênero, ainda que estes muitas vezes se mostrem conflitantes nas representações sociais de gerações ou temporalmente transformados. A Mulher-Hulk é uma representação que apresenta tal transformação, ainda que sua primeira versão, longe de ser representação feminina direta, seja uma alegórica adequação de produto para uma determinada franquia, a do produto Hulk.

A ficcional personagem surgiu num lugar histórico de transições. A Mulher-Hulk não se transformou por conta das mudanças ocorridas entre os ideários feministas, mas,

sim, dentro de uma rede discursiva que os espaços liberais permitiam as novas ocupações de novas mulheres, sem que se faça qualquer questionamento das pautas ainda não contempladas dos movimentos das mulheres.

A ausência das movimentações feministas na mídia deu uma equivocada impressão de término. Foram prematuras as notícias de sua morte, estimuladas pela ausência e pelos discursos de superação que a mídia propagou na figura de uma “nova mulher” distanciada do feminismo, bastante usada como protagonista ou personagens das séries de TV (LOTZ, 2001, p. 106). A Selvagem Mulher-Hulk, como visto, por pouco não fez parte desse universo narrativo do entretenimento, mas sua emergência nas histórias em quadrinhos seguiu uma representatividade bastante destoante das representações femininas possíveis no período.

Já a sua *persona* Sensacional, preparada e pensada, sintoniza com a figura arquetípica desta “nova mulher”. Nos roteiros de John Byrne, como ficou evidente no texto de abertura da *Graphic Marvel* de número 4, *A Sensacional Mulher-Hulk*, lançada pela editora Abril em novembro de 1990 (a original, *Marvel Graphic Novel* número 18 é de 1985), e assinado por Sadika Osmann, a



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres e Relações de Gênero

obscura personagem ganha nova cor, novos contornos.

Ainda que a metáfora não seja pretensiosa, é significativo a mudança arquetípica feminina. E a ficção é sempre sintomática com as representações que são construídas e disseminadas sobre as tipologias identitárias na sociedade contemporânea e conterrânea à produção dessas histórias em quadrinhos.

Agradecimentos

A rede infindável de mulheres que sempre alimentaram minhas vontades acadêmicas não caberia num texto curto. Pela óbvia e simples condição de espaço, já que durante os anos que marcaram o começo da graduação e o fim do curso de mestrado foram marcados pelas presenças de professoras, colegas e amigas que, mesmo com todas as dificuldades, não permitiam que a militância esfriasse.

Por conta disso, dentre tantas mulheres que fizeram da graduação um momento de trocas fundamentais, houve uma de grande importância. A professora Marcia Barreiros Leite ajudou-me a construir toda uma base teórica e metodológica aos estudos da História das Mulheres, dos feminismos e dos estudos de gênero. Sem esse contato, acredito

que as dificuldades seriam muito maiores e talvez os rumos acadêmicos, principalmente após o término da graduação, poderiam ser bem diferentes.

O uso de quadrinhos como fontes históricas ainda é pouco aceito nos meios acadêmicos. Não sem razão, já que trato com fontes inovadoras, principalmente sem o aparato teórico e metodológico adequado, tende a causar análises superficiais ou inseguras. Entretanto a professora Mary Del Priore aceitou a orientação com bastante confiança, sendo alguém por quem terei eterna e imensa gratidão.

Referências Bibliográficas

AUAD, Daniela. **Feminismo – Que História é Essa?**. Editora DP&A, Rio de Janeiro, 2003.

BOLOTIN, Susan. **Voice From the Post-Feminist Generation**. In: *New York Times*, 17 de outubro de 1982. Disponível em: <https://www.nytimes.com/1982/10/17/magazine/voices-from-the-post-feminist-generation.html>.

FALUDI, Susan. **Backlash: O contra-ataque na guerra não declarada contra as mulheres**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2001.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte
e Nordeste de Estudos e Pesquisas

FARRELL, Amy Erdman. **A Ms Magazine e a Promessa do Feminismo Popular**. Editora Barracuda, São Paulo, 2004.

HOWE, Sean. **Marvel Comics: A História Secreta**. Editora Leya. São Paulo, 2013.

LIMA, Savio Queiroz. **A História Oculta das Mulheres de Bana-Mighdall: Um Estudo de África e Gênero**. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História*. Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1424333597_ARQUIVO_MulheresMaravilhaBana.pdf.

LIMA, Savio Queiroz. **Mulher Maravilha e Segunda Onda do Feminismo: Transições da Personagem de Quadrinhos Durante a Reforma Feminista Durante as Décadas de 60 e 70**. In: *Revista de Trabalhos Acadêmicos – Pesquisas Desenvolvidas nos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu*, Volume 2, número 13. Niterói, 2016. Acessado em 20/10/2018. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=1reta2&page=article&op=view&path%5B%5D=6789>.

LIMA, Savio Queiroz. **A História Estética da Mulher Maravilha: Vestuário e Padrões de Beleza Refletidos nas Histórias em Quadrinhos**. In: XVIII Encontro de História

– ANPUH-RJ. *Anais do XVIII Encontro de História da ANPUH-RJ: Histórias e Parcerias*. Niterói, 2018. Acessado em 20/10/2018 Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529643472_ARQUIVO_MulherMaravilhaBelezaEstetica2018.pdf.

MENDES, Mary Alves. **Estudos Feministas: Entre Perspectivas modernas e pós-modernas**. In: *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife. v. 18, n.2, p.223-238, jul./dez. 2002.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou Os Silêncios da História**. Editora Edusc, Bauru, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004.